



OS MODELOS ESCALARES SÃO SUFICIENTES? O QUASE FETICHE DE ESCALAS E O MUNDO G0Y DOS ANOS 2000: UMA PROPOSIÇÃO DE MODELO MASCULINO CIS.

RESUMO: Nos últimos anos o comportamento g0y (escrito com um zero) tem sacudido o mundo masculino. Uma pergunta central que povoa o imaginário coletivo é um g0y é hétero ou é gay? Nos sites que tratam do tema g-zero-y a resposta é imediata. Nenhum dos dois. G0y é simplesmente um g0y. Uma nova identidade do homem cis? Kinsey em 1948 já preconizava algo assim ao afirmar que não existe apenas duas populações discretas: a heterossexual e homossexual. Um g0y é um homem que nos contatos homo não pratica o sexo total, é mais voltado para a estimulação, afeto, carícias íntimas e homoerotismo, algo de comportamento não totalmente homossexual, mas bem longe dos conceitos ortodoxos da heterossexualidade. Isso levanta a tese que um g0y não seria nem hétero normativo, nem gay, nem bisex, representando algo à parte. Essa nuance implica em releitura de Kinsey e demais modelos escalares para a inclusão dessa quarta nomenclatura sexual e o artigo discute os diversos modelos, confrontando-os e realizando uma proposição no que diz respeito à masculinidade.

Palavras-chave: G0y; Sexualidade; Masculinidade; Gênero; Heterogoy.

INTRODUÇÃO

As questões inerentes ao campo da sexualidade humana, e em específico da sexualidade masculina, a partir dos anos 2000 (aprox. nos anos de 2004 ou 2005) passou a contar com um novo conceito ou uma nova categoria de identidade sexual. O novo termo cunhado g0y (escrito com um zero) nasceu como fruto de vários pensamentos convergentes e movimentos tanto de homens heterossexuais quanto também do mundo homossexual.

Do lado do mundo heterossexual sobressai-se como aspectos “pré-g0ys” as fraternidades masculinas, especialmente as universitárias (agremiações estudantis) dos Estados Unidos, a reflexão e a mudança de postura de algumas correntes cristãs protestantes, bem como, a união e o pensamento dos skatistas e surfistas deste mesmo país que começaram a incorporar o bromance (romance + *brothers*) como algo natural. Nascida primordialmente no mundo hétero, o movimento g0y com o tempo foi também ganhando a simpatia e a contribuição do mundo homossexual, sobressai-se do lado dos ‘gays rebeldes’ a agremiação dos Bronkeys (*brotherhood* da cidade de San Diego), a corrente denominada gay espartana (que lutavam em prol da masculinização dos gays) e os assexuais que demonstravam algum tipo de desejo homo erótico (os ‘quase assexuais’ também foram ganhando outros nomes como gays zero, gays light, gouines, etc.). Assim, em função de convergência de valores e ideais algumas pessoas de



orientação homo foram se juntando aos g0ys em princípio formado exclusivamente por heterossexuais liberais.

Na América Latina os dados são imprecisos, há evidências de que a filosofia g0y chegou primeiro ao México e depois na Argentina por volta dos anos de 2007-2008, mas apesar de não ser um dos primeiros países onde a filosofia chegou, o movimento ganhou a visibilidade e a notoriedade especialmente no Brasil, a partir do ano de 2011, ano em que tanto a filosofia quanto o movimento social denominado g-zero-y começou a ter um maior magnitude de adeptos. Em 2014, um mês antes da realização da copa do mundo, o tema chegou a grande mídia, sendo exaustivamente debatido e divulgado em jornais de grande circulação, revistas e programas de TV a cabo e aberta, aumentando ainda mais o quantitativo de adeptos e também o debate, a crítica e até mesmo a oposição por parte de pessoas contrárias aos novos conceitos e comportamentos.

Nos últimos anos o conceito de comportamento g0y (*g-zero-y ou g-y*) tem sacudido o mundo masculino e uma pergunta central que povoa o imaginário coletivo é se: Um g0y é hétero ou é gay? O mundo g0y abre espaço para um mundo intermediário até então renegado e, dentre várias concepções dessa filosofia comportamental, ela propõe um conceito onde a questão da heterossexualidade masculina possa ser mesclada à homo afetividade. O conceito g0y trabalha com condições que antes eram consideradas antagônicas. Kinsey em 1948 já preconizava e defendia algo assim ao afirmar que homens não são representados através de apenas duas populações discretas: a heterossexual e a homossexual; para quebra da dicotomia, Kinsey propôs uma escala de sete níveis, mostrando o comportamento bissexual em diferentes gradações.

No entanto, uma das teses centrais da filosofia g0y, nascida nos Estados Unidos, é que um homem g0y não é bissexual, pois pela definição, um g0y é um homem que nos contatos homo, não pratica o sexo em sua plenitude. Por isso, em função dessa particularidade, acabou merecendo um nome específico para destacar a nova categoria da sexualidade masculina, pois no fundo um g0y não seria nem hétero normativo, nem gay, nem bisex, representando algo à parte. O que caracteriza o comportamento g0y por parte de alguns homens é a visão homo afetiva com a supressão do comportamento homossexual, que na práxis se traduz por um homem que gosta de homens, mas não realiza a cópula, apenas faz carícias, beijos, abraços ou até algo mais forte, mas não consoma o ato sexual e fica na parte mais voltada para o afeto como um todo.

No dilema se um homem com essas características seria hétero ou gay, os entusiastas da filosofia respondem de imediato, nenhum dos dois. Um g0y seria um g0y (GØYS, 2010). Essa nuance implica em uma releitura da escala de Kinsey que com a inclusão dessa quarta nomenclatura sexual masculina passa de sete níveis para uma escala de nove níveis. Nesse contexto o artigo discute os dois modelos, o de Kinsey e o g0y, confrontando-os e demonstrando dilemas e convergências entre eles e realizando uma proposição no que diz respeito à masculinidade.



ALFRED KINSEY E A VISÃO DAS GRADAÇÕES DA SEXUALIDADE

Ainda na década de 1930 o entomologista e zoólogo Alfred Kinsey, concordou em ministrar algumas aulas em um curso sobre casamentos e foi nesse cenário que quando os seus alunos começaram a fazer perguntas sobre sexo, Kinsey percebeu que havia muito poucos dados científicos sobre o assunto. À época praticamente não havia informação sobre a sexualidade humana e ele decidiu começar a aplicar os princípios da pesquisa científica para o tema do comportamento sexual.

Motivado por essa ideia, em 1938, Kinsey lançou um programa de estudos sexuais e no início dos anos 1940, obteve financiamento do Conselho Nacional de Pesquisa e Divisão Médica da Fundação Rockefeller, que permitiu solidificar essa nova linha de pesquisa. Com o amadurecimento natural dos estudos e trabalhos de investigação, em 1947, Kinsey e seus assistentes de pesquisa fundaram na Universidade de Indiana o Instituto de Pesquisa sobre Sexo, hoje chamado de Instituto Kinsey para pesquisa sobre Sexo, Gênero e Reprodução (KINSEY INSTITUTE, 2014).

Por esse motivo, Alfred Kinsey é considerado o pai da sexologia enquanto campo de estudo e há que se enfatizar a grande repercussão que houve com a publicação do primeiro volume do relatório sobre a sexualidade masculina - *Sexual Behavior in the Human Male*, publicado em 1948, que deu origem a uma enorme polêmica nos Estados Unidos — o livro com tiragem de mais de 100 mil exemplares foi um dos mais vendidos naquele ano. Rapidamente, Kinsey se transformou numa celebridade, pois devido a grande repercussão dos seus trabalhos, também além do meio acadêmico, Kinsey foi capa dos principais jornais e revistas dos Estados Unidos, popularizando dessa forma os seus conceitos e em especial a concepção da gradação em escalas. O primeiro volume abordava apenas a sexualidade masculina, entretanto, o segundo volume, abordando a sexualidade das mulheres (*Sexual Behavior in the Human Female*) foi publicado em 1953.

As pesquisas de Kinsey's surpreenderam o público em geral e foram imediatamente foco de grande controvérsia e visibilidade. Entre as diversas polêmicas advindas dos estudos de Kinsey *et. al.* (1948) e Kinsey *et. al.* (1953) e que viria a ser o alicerce do estudo da sexologia no mundo, encontra-se o registro da prática do sexo pré-marital, das relações extraconjugais, da homossexualidade e a prática da felação (mesmo no casamento) e que eram crimes previstos em lei e puníveis com prisão, à época. Daí o furor provocado pela divulgação do Relatório Kinsey, nome como ficou conhecido a obra de Kinsey *et. al.* (1948), relatório esse que além do registro dessas



práticas sexuais “proibidas”, identificou também que o mundo masculino iria além e muito mais do que a mera hétero e homossexualidade.

O estudo de Alfred Kinsey e seus assistentes de pesquisa foi conduzido com milhares de americanos, homens e mulheres de diferentes classes sociais e resultou no Relatório (Kinsey *et. al*, 1948), do qual entre outras coisas, saiu uma escala que colocou entre o comportamento "exclusivamente heterossexual" e o "exclusivamente homossexual", outros tipos de gradações e preferências. Era o primeiro indício de que a sexualidade não era assim tão simples quanto se achava.

Em sua obra, Kinsey *et. al* (1948, p. 639), em uma tradução livre coloca:

Homens [*males*] não são representados através de duas populações discretas, heterossexual e homossexual. O mundo não é subdividido em retos e transviados. É um fundamento da taxonomia que a natureza raramente pode ser tratada em categorias discretas. O mundo em que vivemos é contínuo em todos e em cada um dos aspectos.

Entre as populações de homens heterossexuais e a de homens homossexuais, o Relatório de Kinsey aborda em um primeiro plano que a bissexualidade seria muito mais comum do que se imagina, no entanto não necessariamente ela é uma mistura homogênea entre as condições hétero e não hétero, pelos dados coletados nas pesquisas empíricas, existiria gradações, frequências. Baseado nesses estudos Kinsey *et. al*. (1948) propôs um modelo escalar da sexualidade, prevendo inclusive o ponto neutro, denominado assexual. A *Kinsey's scale* possui sete níveis, mostrando o comportamento bissexual em diferentes gradações. A escala é representada abaixo, na Figura 01:

Figura 01 – Modelo escalar de Kinsey 1948.

Nível	Descrição
0	Exclusivamente heterossexual
1	Predominantemente heterossexual, apenas eventualmente homossexual
2	Predominantemente heterossexual, embora homossexual com frequência
3	Bissexual
4	Predominantemente homossexual, embora heterossexual com frequência
5	Predominantemente homossexual, apenas eventualmente heterossexual
6	Exclusivamente homossexual
X	Assexual

Kinsey *et. al* (1948) acreditava que uma escala de oito categorias, sendo uma categoria representativa da neutralidade ou da assexualidade e sete categorias de



comportamento sexual aproximaria de representar as várias graduações que existem em termos de frequência e de comportamento sexual.

Quando enfatiza-se a continuidade das graduações entre os heterossexuais e homossexuais exclusivos ao longo da história, parece ser desejável desenvolver uma gama de classificações que podem ser amparadas em quantidades relativas de experiências e comportamentos heterossexuais e homossexuais em cada caso. Um indivíduo pode ser associado numa posição da escala em cada período de sua vida. Uma escala de sete categorias aproxima-se de representar as várias graduações que existem atualmente (KINSEY, *et al.* 1948. p. 656).

O modelo escalar de Kinsey *et al* (1948) certamente é ambicioso e audacioso, no entanto a sexualidade contemporânea aparentemente mostra-se mais complexa e com um escopo amplo que vai além das escalas de frequências previstas (Figura 01). Sobressai-se, por exemplo, à crítica que o modelo de Alfred Kinsey mostra-se insuficiente, pois não incorpora a transexualidade – e nem no caso específico do foco desse artigo; não prevê e nem pressupõe o comportamento g0y, como uma nuance da (bi)desejabilidade, ou seja, comportamentos sexuais que fogem das estruturas clássicas.

No que se refere a transexualidade, nota-se que o modelo de Kinsey torna-se totalmente inoperante e até mesmo inútil, pois de nenhuma forma ilustra um comportamento sexual que sequer aproxima-se da condição transexual e nem de alguma forma tenta abarcar essa situação.

Benjamin (1966) conheceu pessoalmente um dos pacientes de Kinsey citados na sua obra que não se enquadrava em nenhuma das categorias previstas nas condições escalares; esse paciente apesar de possuir um biotipo masculino, desejava transformar-se em mulher, sendo esse o ponto inicial e motivador para que ele começasse a investigar a situação da transexualidade com um mundo próprio e com suas particularidades.

O mundo sexual de transposição ou de transconjuntura entre as condições de machos e fêmeas foi investigado por Benjamin e como fruto dos seus estudos, nota-se que ele influenciado pelo modelo proposto por Kinsey *et. al.* (1948) também buscou a adaptação do mundo transexual a uma escala de variação, as graduações propostas na década de 1960 ficou conhecida como *Benjamin Sexual Orientation Scale* (também conhecida pela sigla S.O.S):

- Tipo I - Pseudo travesti
- Tipo II - Travesti fetichista
- Tipo III - Travesti verdadeiro
- Tipo IV - Transexual não cirúrgico
- Tipo V - Transexual de intensidade moderada



Tipo VI - Transexual de alta intensidade

A escala S.O.S. construída especificamente para a situação da transexualidade e elaborada por Benjamin (1966), mostra que o mundo preconizado por Kinsey apesar de abrangente em consideração ao comportamento sexual, não se aplica a todas as situações. A situação específica dos homens g0ys, por exemplo, também não é contemplada pela escala de Kinsey e nesse caso a resposta pode ser até mais simples, o comportamento g0y e até mesmo o conceito de homo parafilia embutida nos seus preceitos era inexistente na década de 50, portanto não foi alvo de estudos.

Mas antes que se critique a lógica de Kinsey da década de 50, com os parâmetros da lógica dos anos 2000, é importante que se frise que a bissexualidade, especialmente a masculina, é sobretudo uma condição mais complexa que a simples junção das condições da hétero e homossexualidade. Trinta anos após a divulgação dos trabalhos de Kinsey *et al* (1948) que gerou o modelo escalar exposto na figura 01, Klein (1978) mostra que a condição bissexual mesmo que em gradações é uma opção de comportamento visto como ameaça, algumas vezes visto como coisa de gay enrustido e até visto sob o mito da inexistência.

O conceito g0y como será discutido a seguir, nasceu apenas nos anos 2000, entretanto, uma vez apreendido o conceito e do que se trata e qual o seu escopo, por inferência talvez imagine-se que a prática g-zero-y já fosse possivelmente recorrente e situando-se especialmente nos níveis 1 e 5 de Kinsey (figura 01), mas também em menor número em outros extratos. Assim, apenas os g0ys não estavam sendo catalogados como tal e não estavam adequadamente abordados no modelo, pois um dos preceitos g0ys justamente é a diferenciação entre o bissexual, tratando como conceitos diferentes a bissexualidade e a bi desejabilidade ou afetividade.

O MODELO G0Y E A NOVA DEFINIÇÃO DE GÊNERO: HOMOAFETIVO E/OU HOMOERÓTICO

Como dito anteriormente, um homem g0y, é aquele homem que quando dos contatos homo existentes, não pratica sexo em sua plenitude. Nesse sentido, Wiik (2012, p.66) versa sobre o coletivo masculino denominado g0ys, como se caracterizando “por um movimento composto por homens com orientação homoerótica alicerçado em restrições a determinados tipos de práticas e desejos (tais como sexo anal insertivo ou passivo), a comportamentos ou papéis de gênero considerados femininos”.

O tema g-zero-y provoca uma abordagem nova da sexualidade e ao mesmo tempo vem atrelada a uma visão cheia de preconceitos e desinformação por parte do público em geral. A própria existência em si do padrão de comportamento g0y é alvo de incredulidade por parte de muitos, também é vista como ameaça por alguns grupos gays mais ortodoxos que consideram como sendo coisa de gay enrustido. Nesse quesito o



mundo g0y masculino de sexualidade intermediária provoca resistência por parte da cultura ocidental que insiste na bipolaridade hétero-gay, resistência que não traz em si novidades, pois ela ocorre exatamente tal como descrito já no século passado por Klein (1978), mostrando que essa resistência também era evidenciada para a opção de comportamento exibida pelos bissexuais masculinos.

Klein (1978) em sua obra intitulada *The Bisexual Option* descreve o mundo mesclado da bissexualidade NÃO como uma junção das características hétero e homo, mas como um mundo que possui características próprias e independentes, entre elas destaca que a figura do bissexual em si, não é bem recebida pelos ortodoxos sejam eles héteros ou gays. Para esses grupos masculinos que se encontram nos extremos da escala de Kinsey (figura 01), o bissexual representaria uma ameaça e como uma espécie de defesa psicológica buscam encarar a situação até mesmo como algo típico de um ser “sem existência”, algo como se a sua existência fosse apenas uma retórica, mas sem evidências empíricas ou sem pessoas concretas no mundo real. Assim os grupos extremos e que acreditam apenas na bipolaridade sexual, possuem um *pseudo* pressuposto partindo-se do mito da inexistência da bidesejabilidade.

Ao longo dos últimos anos, apesar da revolução vivida nos campos dos conceitos e dos comportamentos sexuais como um todo, a bissexualidade continua em um patamar de segundo plano, sem identidade, sem movimento social ativista e sem ser vista com bons olhos seja pelos preceitos heterossexuais normativos, seja pelos preceitos de gays militantes. Essa **resistência ao mundo bissexual** seja no campo da bissexualidade propriamente dita, seja no campo da bidesejabilidade, não é uma exclusividade do século passado; Gooß (2008), por exemplo, pontua que a bissexualidade foi marginalizada na teoria e na prática, como resultado da pressão histórica a favor de monossexualidade.

Gooß (2008) explica que a bissexualidade continua sendo interpretada sob o olhar do preconceito e ainda como um fenômeno transitório ou como um mecanismo de defesa. Por outro lado, ele defende que a bissexualidade necessita ser conceituada não como uma forma de sexualidade derivada da heterossexualidade e homossexualidade, mas sim como uma forma específica de diferenciação de fantasias eróticas.

Nesse quesito das fantasias, o autor Gooß (2008), foge da classificação tradicional que coloca a bissexualidade como ato ou como comportamento, para defender a construção de um conceito de bissexualidade atrelada aos desejos. Apesar de reconhecer a qualidade do artigo e dos argumentos apresentados por Gooß (2008), o presente artigo discorda da ampliação do conceito bissexual para além do comportamento, saindo-se dessa forma dos atos concretos para questões subjetivas. Logicamente não há com negar que desejo, atitude e comportamento possuem geralmente correlações, mas correlação não significa linearidade e nem muito menos uma vinculação necessária e obrigatória. Por isso, ao invés de ampliar o conceito de



bissexualidade, parece ser mais preciso trabalhar-se com as noções de bissexualidade e bidesejabilidade.

De acordo com os pensamentos expostos em Klein (1978), o **sentir-se atraído** por homens, por si só não é um requisito para configurar o sujeito bissexual, pois tudo depende do nível de intimidade da relação. Dessa forma, apesar da aparente novidade, é totalmente possível a diferenciação amadurecida nos anos 2000 de que a bissexualidade e a bidesejabilidade são noções próximas, no entanto distintas, sendo que uma não necessariamente tenha que transformar-se na outra, em conformidade também com os pensamentos gzeroy.

A questão é que o homem heterossexual conceitualmente é aquele que realiza a cópula com o sexo oposto, gay da mesma forma realiza a cópula com pessoas do mesmo sexo, por extensão essa mesma lógica deva ser usada para o bissexualismo, uma pessoa que tenha desejos por ambos os sexos, mas que faça a cópula apenas com um dos sexos, certamente não é um bissexual em sua concretude, pois vive apenas um dos lados, mas estaria envolto no contexto da bidesejabilidade. Caso contrário, apesar de entendermos os argumentos apresentados em Gooß (2008), se tratarmos os desejos/fantasias e o sexo como sinônimos poderíamos apenas ampliar em demasia o conceito da bissexualidade e bissexualismo e aumentar artificialmente o quantitativo de homens bissexuais e ainda excluiríamos do contexto, a diversidade e a possibilidade da expressão do comportamento gzeroy.

Mas voltando-se aos conceitos e ideais trabalhados em Gooß (2008), nota-se claramente que o denominado “bissexualidade” com base nas premissas expostas, o autor chega à conclusão de que os bissexuais não necessariamente fazem sexo com homens e mulheres como tal, mas sim que eles se sentem atraídos afetivamente aos homens e mulheres que, como eles, erotizam outras pessoas de uma forma “bissexual”. Isto quer dizer que os bissexuais são mutuamente atraídos para pessoas ou para o outro. Ou seja, sem dúvidas nesse escopo da bissexualidade em referência, seria o que aqui denominado bidesejabilidade e não o bissexualismo ou ato bissexual propriamente dito.

Também nessa mesma direção Klein (1978), já na década de 1970, defende a bissexualidade não apenas como uma faceta que implica em um bissexualismo necessário e obrigatório, a prática bissexual (ou bissexualismo) não é a única opção da bissexualidade. O capítulo 3 da sua obra é totalmente dedicado ao **Nível de Intimidade Bissexual**. O principal argumento apresentado pelo autor é que existe uma diferença entre intimidade emocional e sexual. A conexão entre intimidade emocional e intimidade sexual nem sempre é concreta em 100% dos casos e o autor defende abertamente e claramente a existência do perfil de um homem heterossexual que é capaz de ser emotivamente íntimo com homens.

O argumento de Klein (1978) acerca da possibilidade da existência do perfil de um homem heterossexual que seja capaz de ser emotivamente íntimo com homens, mas



não ser sexualmente íntimo com homens, implica em uma situação muito próxima do que hoje é o conceito de heterogoy (HETEROGOY, 2014), ou seja uma situação de mesclagem da heterossexualidade (Str8) e o homo erotismo (g0y), seria concretamente um homem que preza pela sua masculinidade, possui uma bidesejabilidade e envolve-se afetivamente e emocionalmente com outros homens, mas que mantém a condição de heterossexual, por não incluir nas suas práticas íntimas a cópula com outros homens.

G0y é um termo de sexualidade intermediária e exclusivo para homens. Serve para designar homens que não se situam nas categorias tradicionais - gay, hétero, bisex. Um g0y não pratica sexo anal com outros homens e portanto, por não praticarem sexo entre iguais, não são considerados homossexuais ou gays, no entanto, praticam diversas outras formas de contatos íntimos mais leves entre os pares/semelhantes e por isso são considerados homo afetivos (Dicionário Informal, 2014).

A própria ideia de homem masculino e g0y encontra-se articulado provavelmente com o inconsciente coletivo do dito ser masculino como um todo e como um modo de vida esperada como o padrão de um ‘homem não transviado’ e/ou de conduta correta a partir do entendimento de cultura universal. Trata-se portanto de assumir uma postura moderna e **flexível**, só que ao mesmo tempo **conversadora** pois preserva os dois principais alicerces da sexualidade *up* ou *high* que está envolta com o que se se concebe por “homem” perante as distinções e hierarquias tradicionais:

(I) Homem highsexual – como sendo aquele macho que se relaciona sexualmente com mulheres, e

(II) Homem highsexual – como sendo aquele macho que não realiza sexo transviado (ou seja, que não se desvia para a prática do sexo anal enquanto homo-passivo).

Dessa forma, haveria basicamente duas categorias comportamentais que definem o ser Homem, ou o ser “macho” que deve atingir de forma valorativa, a esses dois critérios que encontra-se presente no imaginário masculino de diversas culturas. Sendo uma categoria comportamental com polo positivo (ação) ou seja atuar como um ser ativo e possivelmente em prol da perpetuação da espécie buscando primordialmente prazer nas relações heterossexuais e outra com polo negativo (que pressupõe a não ação), ou seja esquivar-se da prática homossexual, especialmente da mais característica delas, que seria o atuar como homossexual não ‘top’ ou homossexual não ‘ativo’, sofrendo supostamente a ação de outros machos.

O mundo g-zero-y preserva esses aspectos, seja na vertente dos héteros flexíveis ou héteros liberais que preservam os itens comportamentais (I) e (II), seja na vertente dos homos afetivos ou homo eróticos que preservam o aspecto da abstenção do



sexo anal, apesar de nesse estrato, não atingir-se a cópula com o sexo oposto (I). Mas há que se enfatizar que o que causa atenção especial nos preceitos g0ys é a extensão do conceito do que seja um homem reto ou hétero.

No campo da heterossexualidade mais flexível, ainda que a virilidade permaneça predominante como expressão da identidade masculina e funcione como “dogma inconsciente”, pode-se dizer que há uma mudança social em andamento com relação ao comportamento masculino ou, no mínimo, por parte de alguns homens heterossexuais que expressam uma vontade ou compreensão de ser, de algum modo, diferente dos modelos heterossexuais normativos precedentes e reproduzidos ao longo dos anos.

Essas características em prol de uma masculinidade universal expressa pelos g0ys em especial; para Wiik (2012), são derivadas de uma teologia própria gzeroy, como que se os g0ys fossem um sub-grupo judaico-cristã. O autor desenha esse quadro “religioso”, baseado no conteúdo do portal <http://g0ys.org> (GØYS, 2010), que é um dos ambientes da *web*, mais acessados no mundo no que se refere à temática g-y, mas que cujos autores e mantenedores provavelmente são oriundos de uma origem ética cristã-protestante, enquanto concepção religiosa majoritária. Por outro lado, Almeida Neto *et al.* (2015), colocam a questão g0y de uma forma mais abrangente e como sendo atualmente desvinculada de uma concepção religiosa propriamente dita, mas como um comportamento relacionado a expressão de valores de uma sexualidade intermediária e mais flexível próxima da bissexualidade, e com âmago na bidesejabilidade no sentido de ser um elo de convivência entre a hetero sexualidade e a homo afetividade.

A noção tácita de que os bissexuais sejam indiferentes em relação ao sexo de seu parceiro, embora seja uma hipótese concebível falada e vista comumente em lugar comum, efetivamente essa concepção cabe apenas aos bissexuais clássicos, ou seja aqueles situados no nível 03 da escala de Kinsey (figura 01), portanto não é exclusivamente a essa suposição que a pesquisa sobre a bissexualidade e a bidesejabilidade deva ser reduzida. Junto com isso, há outras hipóteses sobre a significância das diferenças de gênero para homens que se sentem atraídos por ambos os sexos e que são diferenciados e bastante diversificados, subjacentes várias construções teóricas sobre a bissexualidade e estes poderiam ser atribuídos a um “modelo de conflito” ou a um “modelo de flexibilidade”, conforme exposto por Zinik (1985). Os heterog0ys buscam posicionar-se enquanto um padrão hétero não normativo, enquanto um padrão de flexibilidade e uma forma de se lidar com essa ambivalência dos desejos.

Nesse ponto, convém lembrar que a própria ideia de civilização é justamente a de um homem que convive em sociedade e que não seja um mero escravo de seus desejos, os desejos internos interagem com o ambiente externo na construção subjetiva do que na psicanálise denomina-se *superego* e nesse processo contínuo que é o dos desejos e impulsos virem ser transformados posteriormente em comportamento; eles não são imutáveis. Por falar em psicanálise o seu pai — Freud, afirmava justamente que



a bissexualidade enquanto afeto seria uma tendência predominante enquanto expressão da libido (FREUD, 1908); implicando em dizer que a homossexualidade adulta seria uma repressão da heterossexualidade que deveria existir, e o que conhecemos por hétero normatividade também seria uma repressão do lado homoafetivo que foi suprimida e que existiria em grau maior se não houvesse tanta interferência da cultura.

Para Freud ao longo de suas obras, a ambivalência dos desejos seria uma disposição instintiva, inata e psicológica responsável pelas diferentes escolhas de objeto, homossexual e heterossexual, considerando-se que em todo sujeito encontram-se ambas as formas de escolha de objeto em menor ou maior grau e em quantidades diversas. Em 1908, para citarmos uma das mais importantes passagens freudianas sobre o tema, no artigo sobre Fantasias históricas e sua relação com a bissexualidade, Freud (1908) enuncia que há uma “disposição bissexual inata no homem” (p. 146). Trata-se portanto de afirma-se em uma forma contra factual, que um caminho possivelmente comum e/ou natural seria a que hoje consideramos intermediário pois até mesmo a hétero normatividade tal como a conhecemos atualmente, seria uma construção.

Entretanto para os mais reticentes, ou talvez mais céticos, parece que ficam as questões recorrentes: Será que a opção deliberada e consciente pelo comportamento g0y é um mecanismo de fuga e/ou conflituoso? Trata-se de uma escolha de “disfarce” homossexual? A homossexualidade (gay) ou ainda o homoerotismo (g0y) não são em si estados psicopatológicos. Como bem aborda Roudinesco (2002) e Delouya (2003), a perversão como quadro coloca-se em questão quando da atuação, no real, da fantasia ao invés de seu agenciamento no terreno simbólico, entretanto, fica claro que a atração homo, não é em si uma doença, mas existem homossexuais que sofrem e nos quais a neurose se matiza em torno da homossexualidade.

Para Deloya (2003) baseada nas diversas percepções e estudos de Freud e em suas próprias experiências, há com a homossexualidade, um quadro parecido com o da bissexualidade encontrado em Klein (1978), que aponta um quadro no qual são encontrados bissexuais problemáticos e também bissexuais saudáveis, ou seja, para a homossexualidade exclusiva o cenário também aponta para casos bem sucedidos, mas também casos como o relatado como o da escolha narcísica — a identificação com a mãe, o objeto de amor passando a ocupar o lugar que “pertencia” a dois, como também o sujeito sob o olhar excessivo da mãe e do pai ausente; e até mesmo, a do horror, na homossexualidade masculina diante do órgão feminino, refletindo uma espécie de repúdio extremado da castração.

Além desses, segundo Deloya (2003), Freud mostra no artigo de 1922 sobre os ciúmes, que em alguns casos a escolha homossexual encontra-se na ordem neurótica mais palpável, devido a uma ferida narcísica em relação ao amor esperado da mãe (neste caso, citado, o nascimento de um irmão), o que impele o sujeito de se engajar em um trajeto penoso da castração psíquica, ou seja, da transformação da bissexualidade



originária — da ambivalência afetiva — em um “sexo” compartilhado apenas no sentimento social.

Sob esse ponto de vista, tanto na questão de bidesejabilidade vivenciada pelos héteros g0ys, seja na questão pura da homo afetividade vivenciada pelos g0ys de orientação homo; a sublimação surge, nesses casos de forma evidente, e embora requeira pesquisas e estudos empíricos, inicialmente por inferência é possível imaginar-se nesse momento uma hipótese plenamente plausível de que sob o ponto de vista psicológico e social haja no mundo g0y um contexto saudável e também em alguns casos de conflito a ser equacionado.

O bissexual e o g0y muitas vezes são acusados de serem característicos de alguém com dúvida e de estar passando por um momento de transição até confirmar sua homossexualidade. Entretanto, a ciência não pode assumir postura de militância sem embasamento. A bissexualidade e a bidesejabilidade existem, sim e é preciso reconhecer essa verdade da diversidade.

Da mesma forma se para alguns casos o comportamento g0y pode até ser visto uma tentativa de *straight acting*, ou a de um comportamento social de fingimento que na língua portuguesa leva-se a denominação de “gay enrustido”, é possível visualizar também um cenário positivo ou de busca de conforto emocional uma vez que tornar-se g0y não requer, necessariamente, uma resolução no plano da bidesejabilidade. Se no plano psicanalítico a hetero e a homossexualidade na identificação horizontal é prejudicada, sob a hipótese dos comportamentos extremistas, por exemplo da homossexualidade passiva e exclusiva, segundo Deloya (2003), nota-se que frequentemente, algumas escolhas homossexuais são atuações da bissexualidade originária erguendo-se, defensivamente, ante o sublimado amor hétero-homo sexual — que seria comum — para um sentimento social, resultado da castração bi dos desejos.

O movimento em prol do comportamento g-zero-y sob essa ótica pode tornar-se um movimento de reconstrução dos desejos originários, mas ao mesmo tempo domesticados pela socialização e pela instância do super ego (instância do acima do eu).

Existem milhares de trabalhos de pesquisadores em torno do tema da homossexualidade, e curiosamente há muito menos em torno do tema da bidesejabilidade que aparentemente é um fenômeno mais complexo e mais aspectos e variáveis envolvidas. Para o *site Hétero G0y* (2014), isso seria um preconceito da própria ciência que é produzida por cientistas e que também possuem seus valores. Porque tanto interesse em descobrir os motivos da homossexualidade? Porque não há pesquisas científicas em grande escala buscando entender também como se forma a heterossexualidade? Certamente por trás das próprias estatísticas e frequências das publicações científicas existe a noção de padrão ou do que é esperado. Existe até pela ausência de estudos – ou negligência das pesquisas, a noção de expectativa; e embora



hoje se saiba que a sexualidade é múltipla a condição hétero masculina ainda prevalece como padrão social e/ou cultural.

Talvez por isso, por mexer nas expectativas e nos conceitos heterossexuais, o movimento g0y chame tanto a atenção do mundo. Seria o mundo pré-romano e bem típico dos gregos sendo resgatado? Porque o g0y não seria um bissexual nos moldes que se concebe? Qual a diferença entre bissexualidade e bidesejabilidade? A própria ideia de um homem hétero e g0y implica na noção de prevalência de um comportamento heterossexual com a convivência pacífica com um envolvimento emocional, sentimental, afetivo e/ou erótico. Isso ao longo prazo é tão profundo que como não há, em princípio, conforme Giddens (1993), uma identidade que não seja caracterizada por contradições, provavelmente provocará, de forma cada vez mais visível, uma revisão do que vem a ser o masculino.

A questão central para o entendimento do dito movimento g0y é conseguir separar os conceitos de homo **sexual** e de homo **afetivo** ou **erótico** - nesse caso as palavras compostas foram escritas separadas apenas para dar a devida ênfase, pois este seria o cerne da questão. O termo homossexual remete ao ato sexual entre iguais, já o afeto é ponto pacífico que trata-se de um termo mais abrangente, que vai além e remete a questões mais amplas que envolvem o carinho, o toque, o contato íntimo, etc. Esta diferenciação e também a identidade relacional entre os dois conceitos ocorre conforme as ilustrações da figura 02.

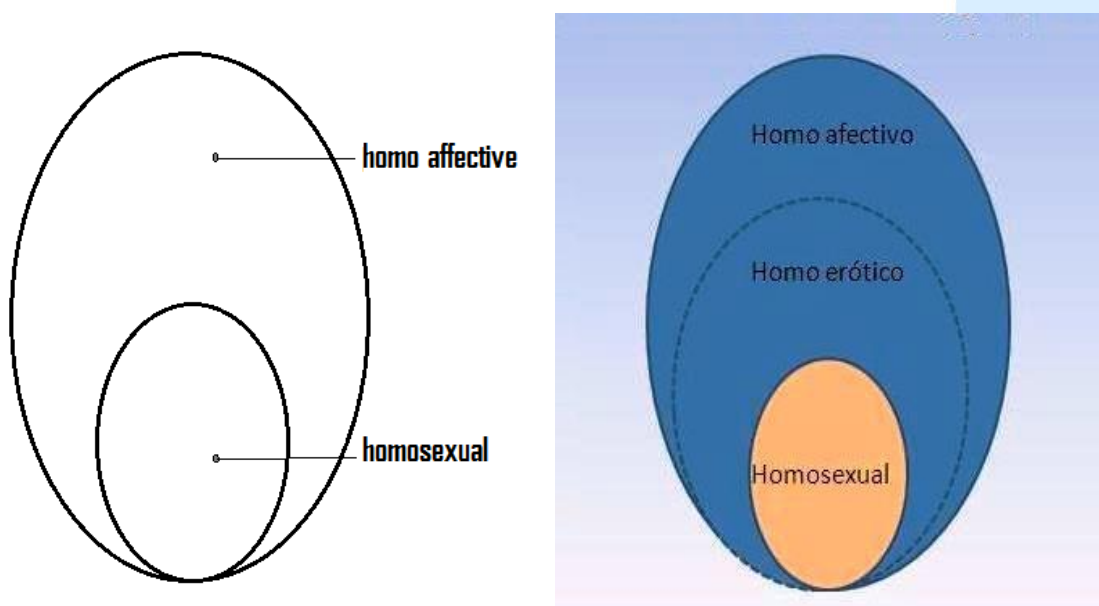


Figura 02 – Ilustra a relação existente entre os termos homossexual e homo afetivo (homo erótico) enquanto instâncias homo masculinas comportamentais e com suas particularidades.

Fonte: Figura da esquerda, site Heterogoy (2014); Figura da direita, elaboração própria (2016).



Além dessa diferenciação e relação exposta nas ilustrações da figura 02 que é um dos alicerces para a construção de um modelo de sexualidade ou deseabilidade g0y, os preceitos g0ys trabalham com a noção de não estabilidade dos desejos e da sexualidade masculina como um todo. O site hétero g0y (2014) coloca em uma seção denominada “tópicos avançados” que “a sexualidade masculina também mostra-se de alta complexidade, mas o seu escopo não é estático. Vai dos heterossexuais empedernidos aos que não tem o mínimo interesse pelo sexo oposto. Entre os dois extremos, em gradações variadas entre a hetero e a homossexualidade, oscilam e ganham espaço os de comportamentos menos ortodoxos”.

Esses comportamentos menos ortodoxos citados, referem-se a bidesejabilidade e a noção da homo afetividade, na qual nem todo homo afetivo torna-se homossexual, apesar de todo homossexual ser, homo afetivo (figura 02). Portanto os comportamentos menos ortodoxos estariam entre os níveis 0 e 6 da escala de originária de Kinsey?

O bromance, por exemplo, é um elemento típico do que hoje se considera hétero flexível ou heterogoy, sendo expressão de mera *man-crush* ("atração masculina") mas que não chega a ser um comportamento bissexual ou pertencente ao nível 1 de Kinsey exposto na figura 01. O bromance foi um termo cunhado por Carnie (1995), para descrever a relação íntima vivenciada entre diversos skatistas, que viviam muito tempo juntos e encontravam-se em uma relação muito íntima e próxima da vivenciada por um casal, mas sem prática homossexual. O termo Bromance é basicamente formado pela combinação das palavras "brother" ("irmão" em inglês) e "romance", o amálgama linguístico foi inicialmente relacionado ao cenário dos skatistas por ter sido utilizado inúmeras vezes por Dave Carnie nas edições e nas matérias da revista *Big Brother Magazine*, hoje retirada de circulação, sendo que esse neologismo combinado passou ter a sua maior aceitação e notoriedade, quanto a partir de 2001, também foi adotada e usada no "*Transworld Surf*", uma grande comunidade de surfistas.

A nova palavra bromance apesar de ainda negligenciada pelas pesquisas científicas, trata-se de uma palavra que tornou-se popular e hoje é um tema recorrente em inúmeras músicas, matérias de jornais, filmes de cinema, documentários e vários outros materiais disponíveis e acessíveis por uma rápida pesquisa na internet. Geralmente esses materiais são visualizados em contextos e em *sites* heterossexuais e o sentido do termo é evidenciar e marcar a amizade profunda vivida por alguns homens heterossexuais e que encontra-se na prática um pouco além da amizade convencional. A diferença está em haver um maior nível de intimidade na amizade entre dois (ou mais) homens héteros. O bromance heterossexual e a sua postura pró-ativa de assumir-se publicamente como tal, está relacionado ao nascimento do termo que viria surgir alguns anos após – o gØy.

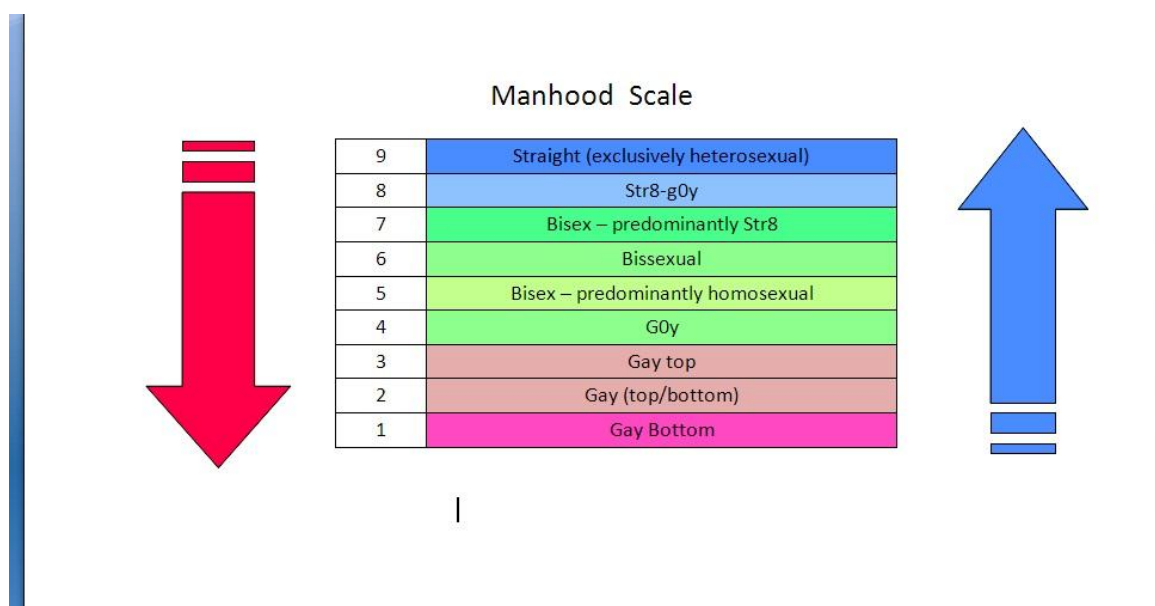


Figura 03 – Piloto do modelo escalar de masculinidade proposto pelo movimento g0y baseado no imaginário coletivo ocidental.

Fonte: Heterog0y (2014).

O fato do g0y não se afirmar como bissexual (e nem como homossexual) não se encontra na busca de se negar a bidesejabilidade, pelo contrário, todos os preceitos g0ys trabalham com a noção de atração e de ambivalência. O conceito trabalha apenas em uma perspectiva do desejo, mas somente quando os mesmos são expressos ou transformados em comportamento, a perspectiva *behaviorista* portanto não considera todos os homossexuais, classificados unicamente em função da atração por outros homens, ou em função da prática/frequência como em Kinsey *et. al.* (1948), mas também em função do seu papel desempenhado (ativo, passivo ou versátil). Figura 03.

O modelo promovido pelos g0ys – ou o piloto de um modelo que é apresentado no site Heterogoy (Figura 03) é, conforme explicado, sobretudo uma escala que deriva de um imaginário coletivo que pressupõe a maior e menor masculinidade com comportamentos próprios; o site no caso, apenas transformou valores que são sociais ocidentais em um modelo mais visual; nota-se que possui um foco *behaviorista* e por este mesmo motivo, possui limitações; desenha-se como um modelo restrito e focado na masculinidade em uma forte estrutura fálica.

Cotejando-se as figuras 01 e 03, observa-se que há uma grande convergência entre o modelo escalar de masculinidade segundo os preceitos da filosofia g0y e o modelo escalar da sexualidade proposto por Kinsey *et. al.* (1948). Observa-se que os níveis 1 e 2 (Figura 01) dos heterossexuais com comportamentos homossexuais, ocasionais ou eventuais, são adensados na Figura 03 na classificação ‘bissexual



predominantemente heterossexual², ocupando o nível 7 na escala behaviorista de masculinidade.

Por outro lado, a vertente homossexual, que em Kinsey mereceu apenas um nível, foi quebrado em três níveis, configurando a escala em 9 níveis, sendo 2 níveis direcionados para o mundo heterossexual, sendo o heterossexual tradicional (nível 9) e o heterossexual flexível ou heterogoy (nível 8) e no outro extremo há 3 níveis direcionados para a prática homossexual, sendo a prática do gay ativo, passivo ou versátil, representada pelos níveis 1, 2 e 3.

Embora a escala tenha uma estrutura com sentido lógico e com princípios calcados no comportamento e na racionalidade, **há pontos polêmicos** que se traduzem em grandes dilemas em torno da inclusão dos g0ys no modelo. Por exemplo, a posição ocupada pelos heterogoy ou héteros flexíveis (nível 8), parece ser mais compreensível de um ponto de vista mais racional, entretanto o mesmo não ocorre de forma tão confortável para os g0ys não héteros (nível 4). Ficam perguntam no ar e não respondidas: Um g0y é mais masculino que um gay ativo? Como fica a questão de que existem gays versáteis e porém masculinizados? Qualquer gay seria necessariamente menos masculino que um g0y?

Um mundo visualizado por uma escala certamente possui esses problemas, principalmente por passar a impressão que a coisa seria fixa e/ou estável. Ao ler-se tanto a escala de Kinsey (figura 01) como também a *Manhood Scale* (figura 03), via de regra, a primeira pergunta que o sujeito se faz é em torno da tentativa de se enxergar: Onde eu me encaixo? E nesse ponto o modelo escalar g0y é mais complexo e traz uma qualidade de trabalhar-se com a noção de transição em que não há nada fixo e estável na natureza sexual. Um hétero tradicional pode torna-se hétero g0y num momento da vida, voltar a ser hétero convencional e assim por diante.

O movimento incorporado no modelo da *Manhood Scale* se ocorrido entre níveis escalares próximos não seria tão difícil, mas da mesma maneira **não seria fácil** uma pessoa transitar dos extremos, do nível 1 para o nível 9, por exemplo, ou vice-versa. Conforme expresso no Heterog0y (2014), expressa-se uma dinâmica:

Um hetero-g0y pode mais facilmente tornar-se um bissexual eventual e retornar a condição de ser hetero-g0y como antes e também depois de certo tempo comportar-se como um hétero 'clássico' ou seja sem expressão homoafetiva relevante. Essa migração não seria tão rápida, mas também não seria tão difícil, pois são instâncias sexuais de condições mais próximas. Sendo que em qualquer processo migratório entre condições, o movimento *top-down* é sempre mais facilitado que o mesmo movimento no sentido inverso [*bottom-up*], que demandará sempre maior esforço e investimento.

A região da bissexualidade mais central (região 6), representa a região de maior instabilidade, é como se metaforicamente houvesse uma força centrífuga que empurrasse continuamente a pessoa para uma das regiões e



fazendo com que geralmente até mesmo na expressão da bissexualidade, o mais comum seja que haja a predominância de um dos lados no que tange aos comportamentos sexuais.

Se a bissexualidade sem predominância hétero ou homo representa uma região de instabilidade por excelência, nas regiões extremas o hétero normativo e o gay passivo representam as regiões de maior resistência à mudança.

A proposta de um modelo mais dinâmico que embuti os movimentos tanto *top-down* (seta em vermelho) como *bottom-up* (seta em azul) demonstra sensibilidade para o aspecto da sexualidade não ser uma questão pré-formatada, sendo esse pressuposto de um fluxo dinâmico certamente um dos pontos fortes do modelo. Nesse quesito os vários movimentos possíveis da figura 03 estão relacionados à noção de que a sexualidade masculina cis simplesmente se impõe como forma de rearranjo da libido e energia, que é sobretudo energia vital, e que mudanças podem ocorrer de forma intencional ou não.

Bi-desejabilidade e homo-afetividade são conceitos centrais para o entendimento do mundo g0y, mas como se dá a interação entre elas? Almeida Neto *et. al.* (2015) elaboraram um modelo de diagramas mostrando essa complexa interação, que ocorre conforme ilustrado na figura 04. Na figura 04, nota-se que não há nenhum conflito entre o exposto na figura 03, mas a perspectiva do olhar para o leitor muda completamente, notadamente na figura 03 transparece este buscar trabalhar em uma adaptação com a visão escalar provavelmente fortemente influenciada pelos trabalhos de Kinsey *et. al.* (1948) e Kinsey *et. al.* (1953) e a sua repercussão.

Segundo Corneau (1991), todo homem tem uma tendência erótica dirigida a pessoas do mesmo sexo, mas não necessariamente a tendência erótica tenha que transformar-se em tendência de cópula. Essa tendência erótica alimenta o afeto, a amizade e a admiração que temos pela pessoa do mesmo sexo. Os preceitos g0ys caminham exatamente nesse sentido e os modelos ao incluir o mesmo como uma expressão da sexualidade tentam marcar e enfatizar isso.

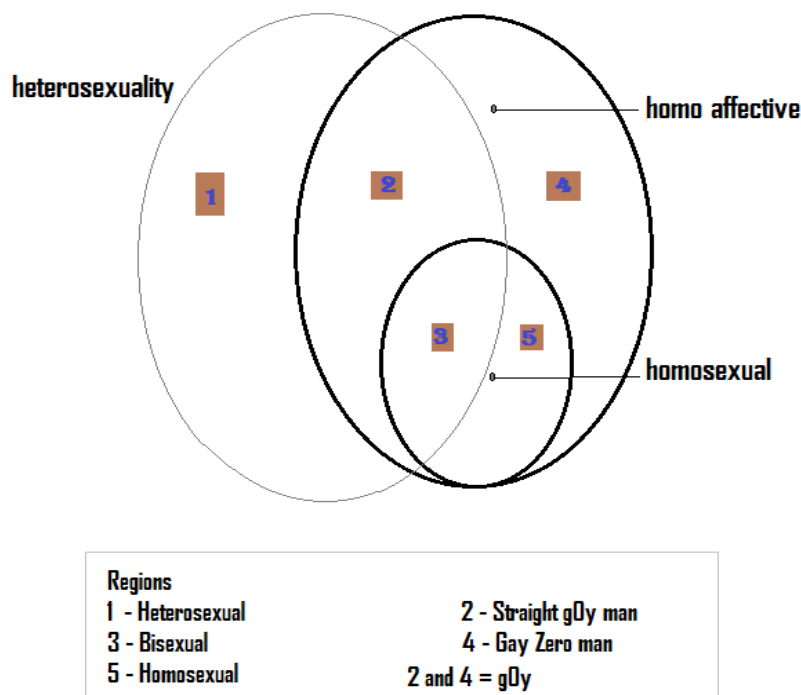


Figura 04 – Diagrama modelo acerca da interação entre a heterossexualidade e as instâncias homo afetivas ilustrando a região híbrida de apropriação do g0ys.

Fonte: Almeida Neto *et. al.* (2015).

Mas um quesito complicado no modelo escalar e que é aceito ou reconhecido até mesmo pelos próprios g0ys é o fato de que na figura 03 há um grande distanciamento “hierárquico” entre os g0ys Héteros (nível 8) e os g0ys homo afetivos (nível 4). O site Heterogoy (2014) – página tópicos avançados, coloca que: “Os g0ys exclusivamente homo afetivos possuem muitas afinidades com os héteros e embora no modelo a coisa esteja desenhada de uma forma linear, no mundo como ele é, a sexualidade não é tão linear e a região da bissexualidade não mostra-se larga como as demais”. Embora com essa ressalva textual que é válida, ocorre que olhando-se para o modelo da figura 03, não se consegue visualizar essa questão assim tão facilmente.

Observa-se por sua vez, que no modelo de diagramas (figura 04), esse distanciamento citado para o modelo escalar entre a bidesejabilidade e a homo afetividade não ocorre, estando os g0ys heteros e os g0ys homos visivelmente próximos, mostrando que para ser g0y não importa a orientação sexual, que pode ser mais homo ou mais hétero, pois nessa visão os dois conceitos não são incompatíveis.

Mas, fora do modelo de diagramas uma questão polêmica gira em torno da posição “hierárquica” ocupada pelos g0ys homo afetivos na figura 03, que parece ser algo muito mais do tipo ideológico ou de militância do que propriamente de um pensamento advindo do imaginário masculino. Claro que a inclusão em si, é uma



qualidade, pois mostra que os g0ys existem, e não necessariamente precisam ser héteros, mas essa questão não deixa de ser polêmica em especial pelo seu contraste com o mundo gay.

Nessa direção o presente artigo trabalhou com a proposição de um modelo conforme ilustrado na figura 05, buscando equacionar melhor essa questão, bem como outras questões aparentemente não tão bem amadurecidas, apesar de reconhecer que algumas delas também estejam presentes no modelo da figura 03, quer sejam de uma forma tímida e/ou não tão nítidas.

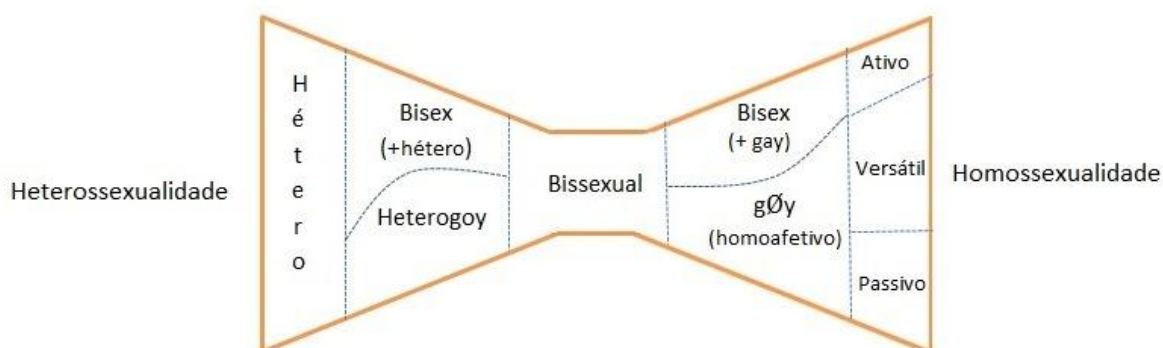


Figura 05 – Modelo Enneafásico de comportamento sexual masculino cis.

Fonte: Proposição de elaboração própria.

A proposição do modelo Enneafásico dentre outras coisas, busca preliminarmente quebrar a ideia de escala ou ainda de linearidade, busca equacionar melhor a inclusão dos g0ys, especialmente no tocante aos exclusivamente homo eróticos e colocar de forma visual a ideia de que a bidesejabilidade é ampla, mas que o bissexual clássico (comportamento sem predominância hétero ou homo) se concretiza em uma região bem mais estreita e a própria posição ilustra essa noção de forma visual expressa.

Uma questão que sobressai no modelo proposto – como uma alternativa de representação da sexualidade masculina representada de uma forma mais ampla cis, é que o g0y representa-se em uma região híbrida e entre a heterossexualidade clássica e homossexualidade nos moldes conhecidos do prazer via cópula via anal, a intenção é demonstrar isso de uma forma visual/legível e em nenhum momento discorda por completo dos outros os modelos, tanto do proposto no relatório de Kinsey (figura 01), quanto os pilotos que buscaram incluir os g0ys (figuras 02 e 03), apenas busca tornar as concepções atuais mais legíveis e de melhor entendimento.



CONCLUSÕES

Na contemporaneidade, com o termo g0y entra em cena mudanças que atingem diversas áreas da cultura ocidental, inclusive em especial aquelas relacionadas ao caráter identitário e sexual do homem cis. Amplas mudanças nas experiências e práticas cotidianas parecem estar se tornando um conjunto comum e compartilhado de significados, crenças e valores entre as pessoas que, antes, se identificavam com heterossexuais e **excluía**m do seu arcabouço de conceitos qualquer interação homoafetiva e essa, em qualquer nível.

A comunidade g0y que é constituída por grupos masculinos que afirmam seu desejo homoerótico ou ainda homoafetivo, mas sem expressar o principal ato homossexual concretizado, é algo que quebra paradigmas anteriores e gera rupturas. Caracteriza-se assim uma crise, onde as noções de liberdade, igualdade, identidade e pluralismo movimentam-se através das mediações de poder concreto e simbólico, como sendo categorias sexuais especificamente masculinas abrindo caminhos novos e intermediários culturais, prontos para serem reinterpretados a fim de dar sentido à vida cotidiana dos sujeitos contemporâneos.

Uma vez entendida a diferenciação legítima dos termos homo'sexual' e homo'afetivo', que por sua vez remetem aos termos *gay* e *g0y*, fica um pouco mais nítido que efetivamente o movimento social g0y vem construir uma identidade intermediária e até então renegada na literatura sobre sexualidade, pois anteriormente o conceito de bissexual englobava tudo, sexo e afeto, desejos e atração, ato e comportamento. E no sentido que o contexto do homo afetivo é mais amplo, o conceito de homo afetivo ao interagir com a concepção de heterossexualidade ilustra um novo mundo. Esse mundo um pouco mais complexo e intermediário por natureza que ocorre conforme as convergências e dilemas já ilustrados ao longo do texto.

Das principais limitações dos modelos apresentados sobressai-se que o modelo escalar de Kinsey, é sobretudo restrito à ideia de frequência de comportamentos, não incorpora a transsexualidade e também por motivos óbvios — afinal nos anos de 1950 o conceito g0y não existia; por isso sua estrutura não incorpore os atuais g-y ou g0ys. O modelo proposto e que já incorpora os g0ys por sua vez, tem como principal limitação está centrado fortemente em uma estrutura fálica, como que relacionando a questão fálica com a masculinidade quase que de uma forma direta.

No modelo de diagrama há a virtude de ser um modelo mais completo, no entanto o mesmo mostra-se complexo e de difícil entendimento para pessoas que não possuam tanta intimidade com os novos conceitos. No modelo da *Manhood Scale* há a virtude de se expressar que a sexualidade masculina não é estática, mas tem como uma limitação visual, expor de forma não intencional uma noção de linearidade. O modelo enneafásico aqui proposto busca equacionar alguns pontos, tornando conceitos



complexos, mais legíveis e mais claros e não é um modelo ditatorial ou final, é apenas uma proposição, que merece ser testado por testes empíricos e até mesmo ser aperfeiçoado no futuro.

Sobressai que a definição do que vem a ser um hétero-g0y parece ser mais clara, no campo da bidesejabilidade, o heterogoy seria apenas um homem mais flexível e aberto ao contato com o seu semelhante do mesmo sexo, desde que os contatos ocorram com certos limites, excluindo-se do repertório notadamente a questão do sexo anal, sendo portanto o heterogoy, também chamado de bicurioso, trata-se de um homem que não se identifica com valores e comportamentos identitários da chamada cultura *gay*, *mas* que não possui a homofobia internalizada nos moldes intensos a ponto de não se permitir a qualquer tipo de aproximação.

Por outro lado, o g0y homo afetivo exclusivo por sua vez possui também valores próximos do mundo heterossexual, pois não se identifica com os valores gays e também preserva a abstenção total ao sexo anal. O sexo anal como algo desnecessário ao prazer homo masculino coloca a sua identidade em uma região que a uma primeira vista é um pouco mais difícil de diferenciação, mas é preciso frisar que também que o homo erotismo possui o seu caráter de ser um comportamento intermediário e não necessariamente homossexual em sua concretude.

Hoje por força do uso, o termo *gay* – referindo a homens homossexuais sejam ativos ou passivos é um padrão aceito em todo o mundo, pois praticamente todo o planeta adotou esse termo de origem norte americana. O novo termo g0y também possui a mesma origem linguística e como resultado, apesar de nos últimos anos parecer haver uma tentativa de alargar ou ampliar o escopo do termo *gay* para outros contextos além do ato sexual homo, o mundo g0y parece colocar um freio nessa direção, resgatando-se o foco do termo e diferenciando de forma legítima a atração/desejos, dos atos/comportamentos propriamente ditos. Essa separação ocorre não com um sentido da desvinculação total entre a libido, desejos e comportamentos, mas apenas para que funcionalmente caminhe para solidificar o novo campo com suas nuances próprias e típicas de qualquer conceito que seja intermediário e que inicialmente precisa se alicerçar pelo método contrastivo.

Nesse contexto, a definição do termo *gay* e a definição do termo g0y, são conceitos não convergentes, apesar de possuírem semelhanças no que se refere à condição sexual – a homossexualidade, no entanto eles são diferentes no que se refere às posturas e aos comportamentos homo masculinos apresentados, o que justificaria uma releitura do principal modelo e ainda muito usado, que é o modelo proposto por Kinsey *et. al.* (1948). A necessidade de atualização ou releitura se faz necessário quando do momento que dentro dos preceitos g-zero-y, há a distinção própria do bissexual, sendo portanto uma situação não prevista inicialmente na década de 1950.

O presente artigo não discorda desse argumento da necessidade de atualização,



que é julgado como plausível; no entanto ao longo do texto é possível notar uma visão crítica especialmente a noção de escala, tão fortemente presente, seja no relatório de Kinsey, no modelo S.O.S e até mesmo na *Manhood Scale*.

A situação de gay zero, que provavelmente no século passado deva ter sido utilizado nos USA para designar os homos masculinos que não eram nem ativos, nem passivos, nem versáteis, ou seja, em princípio não seriam “nada”, seriam um ‘zero’ ou uma incógnita (?), mostra que atualmente de zero ou nulo não tem nada; eles apenas são a expressão do amor e configuram uma situação *homo* onde o afeto encontra-se de certa forma mais fortemente presente. Dessa maneira o que emerge de forma direta, pela leitura da figura do g0y moderno é que todo homossexual pode ser sim um homo afetivo, mas nem todo homo afetivo chega a ser homossexual na sua prática.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA NETO, A. J.; CASTRO, P. M. R.; RAZUCK, F. B.; MAMEDE JÚNIOR, W. Identidades sexuais masculinas do novo milênio e os novos desafios provocados pela homo afetividade e a visão baseada na filosofia comportamental g0y. In: *Coloquio de Estudios de Varones y Masculinidades*. 5, Anais... 14-16 enero 2015, Santiago – Chile. 2015.
- BENJAMIN, H. *The Transsexual Phenomenon*. The Julian Press: INC Publishers. 1966.
- CARNIE, D. R rated skateboarding culture. *Big Brother Magazine*. (1), Editorial. 1995.
- CORNEAU, G. *Pai Ausente, Filho Carente: O que aconteceu com os homens?* São Paulo: Brasiliense. 1991.
- DELOYA, D. A bissexualidade no eixo da escuta psicanalítica. *Ágora*. v. 6, n. 2. 2003. Doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-14982003000200002>.
- DICIONARIOINFORMAL. *Significado da palavra g0y*. Verbete disponível na versão *on-line*. 2014. Disponível em: <www.dicionarioinformal.com.br/g0y/>. Acesso 30.agosto.2015.
- GIDDENS, A. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Editora USP. 1993.
- GOOß, U. Concepts of Bisexuality. *Journal of Bisexuality*, v. 8, n. 2, p. 9–23. 2008. Doi: <http://dx.doi.org/10.1080/15299710802142127>
- GØYS (2010). *Love, Trust, Respect, Discretion, Masculinity*. Sítio. 2010. Disponível em: <<http://g0ys.org/>>. Acesso 07.maio.2014.
- FREUD, S. Fantasias históricas e sua relação com a bissexualidade. In: Freud, S. *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1908. Ed. de 1996. vol. IX.



- HETEROGØY. *Um site para homens modernos e conscientes de seu papel*. Sítio. 2014. Disponível em: <<http://heterogoy.webnode.com/>>. Acesso 27.maio.2014.
- KINSEY INSTITUTE. *Kinsey Institute for Research in Sex, Gender and Reproduction*. Sítio. 2014. Disponível em: <<http://www.kinseyinstitute.org/>>. Acesso 12.novembro.2014.
- KINSEY, A. C.; POMEROY, W. B.; MARTIN, C. E. *Sexual Behavior in the Human Male*, Philadelphia, PA: W.B. Saunders. 1948.
- KINSEY, A. C.; POMEROY, W. B.; MARTIN, C. E.; GEBHARD, P. H. *Sexual Behavior in the Human Female*, Philadelphia, PA: W.B. Saunders. 1953.
- KLEIN, F. *The bisexual option*. New York: Arbor House. 1978.
- ROUDINESCO, E. Psychanalyse et homosexualité: Réflexions sur le désir pervers, l'injure et la fonction paternelle. *Cliniques Méditerranéennes*. n. 65, p. 7-34. 2002. Doi: <http://dx.doi.org/10.3917/cm.065.0007>.
- WIJK, F. B. Os g0ys: Religião, sexualidade, gênero e identidades homoeróticas na contemporaneidade. *Psicología, Conocimiento y Sociedad*. v. 2, n. 2, p. 66-83. 2012. Disponível em: <<http://revista.psico.edu.uy/index.php/revpsicologia/issue/view/34>>. Acesso: 30 de abril de 2015.
- ZINIK, G. Identity conflict or adaptive flexibility? Bisexuality reconsidered. *Journal of Homosexuality*, v. 11, n. 1, p. 7–19. 1985. Doi: http://dx.doi.org/10.1300/J082v11n01_02.